



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

FORÇA PRA SUBIR, CORAGEM NA DESCIDA: UM ESTUDO SOBRE AS RESISTÊNCIAS DAS MENINAS NA FUNDAÇÃO CASA.

Nathalí Estevez Grillo

PUC-SP

nathaliestevezgrillo@gmail.com

Resumo: A fim de identificar as táticas de resistência das adolescentes que estão privadas de liberdade, o escopo do trabalho buscou conhecer as condições em que as meninas vivenciam a medida socioeducativa de internação em um centro do estado de São Paulo, para expor as opressões por elas sofridas, no contexto de uma instituição como a Fundação CASA. A inserção como profissional através do Projeto Guri - maior programa sociocultural brasileiro - no CASA Chiquinha Gonzaga – maior centro socioeducativo feminino no estado de São Paulo e o único que abriga o Programa de Atendimento Materno Infantil (PAMI) – constituiu-se como campo de pesquisa, onde foram feitas observações a partir da convivência de mais de um ano e entrevistas com meninas no período posterior a medida de internação. A pesquisa inspirou-se tanto na metodologia da pesquisa ação participante como na metodologia feminista e, parte de marcos teóricos como a criminologia crítica e a interseccionalidade do feminismo negro. Neste trabalho, as táticas de resistência das meninas foram discutidas através do eixo dos afetos que circulam.

Fundação CASA, epistemologia feminista, criminologia crítica, táticas de resistência.

Este trabalho provém da dissertação de mestrado defendida em abril de 2018 no Programa de Psicologia Social no Núcleo Inanna de Pesquisa (NIP) na PUC-SP. Para tal, estive inserida como pesquisadora e como trabalhadora no CASA Chiquinha Gonzaga pelo período de um ano e três meses (outubro/2015 – dezembro/2016) através do Projeto Guri – instituição parceira da Fundação CASA – que oferece às adolescentes internadas aulas de música. Como coordenadora de polo, acompanhei as aulas de cavaco e violão; canto e coral; percussão e musicalização para mães e bebês e tive a

oportunidade de desenvolver atividades pedagógicas¹ intituladas de socioeducativas pelo Projeto Guri para e com as meninas que cumpriam medida socioeducativa de internação neste centro.

A Fundação CASA (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente)

¹ Ver em: GRILLO, Nathalí Estevez. Sai zoião, sai fofoca! Aqui é perifa é só maloka: propostas educativas em um centro feminino da Fundação CASA. In: **Violência e Sociedade: o racismo como estruturante da sociedade do povo brasileiro.** Instituto AMMA Psiquê e Negritude e Clínica do Testemunho – Centro de Estudos em Reparação Psíquica Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo: Escuta Eirele – ME, 2018, p. 275-287.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

é a instituição que executa as medidas de internação e semiliberdade no estado de São Paulo. A região sudeste é a única que está acima da média nacional calculada por 100 mil habitantes, sendo que São Paulo é o estado com a maior taxa de internação, estando muito acima do restante da região (BRASIL, 2015).

De acordo com o Boletim Estatístico² divulgado em 9 de novembro de 2018 pelo Núcleo de Produção de Informações Estratégicas (NUPRIE) da Diretoria Técnica da Fundação CASA, no estado de São Paulo, dos 8417 adolescentes nos centros desta instituição, 350 são meninas. Elas representam 4,16% do total dos adolescentes e estão divididas em seis centros: dois no interior e quatro na capital do estado.

São meninas negras, com alta defasagem escolar e que em sua esmagadora maioria cumprem medida por tráfico de drogas e roubo. (GRILLO, 2018).

Esta pesquisa ancorou-se nos subsídios teórico-metodológicos da psicologia social crítica e do pensamento feminista. Ambos prerrogam que o fazer científico não pode ser neutro e, portanto, deve ser politicamente situado.

² Disponível em:

<http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/View.aspx?title=boletim-estat%C3%ADstico&d=79>

A Psicologia social crítica, com sua base materialista histórico dialética, tem no conceito de práxis sua ética por excelência na prática científica. A pesquisa, portanto, deve ser voltada para trabalhos comunitários, de maneira a transformar a sociedade. (LANE, 2012). Deste modo, o pesquisador funcionaria como uma “espécie de gente que serve” (BRANDÃO, 1985, p. 11).

Para a epistemologia feminista, a objetividade na ciência se dá justamente pela implicação política situada, de modo que se evidenciam assim os valores implicados nas perspectivas analíticas. (HARDING, 2007; HARAWAY, 1995).

A partir de uma crítica feminista, nota-se a colonialidade e a estrutura patriarcal do direito penal, sendo que defende-se, portanto, o abolicionismo penal como sendo uma estratégia feminista de intervenção (BARATTA, 1999).

Ao considerarmos que as prisões são instituições racistas e se tomarmos um posicionamento político anti-racista, teremos que levar a sério a perspectiva de declarar o sistema carcerário obsoleto já que mantém os corpos negros sobre controle e exploração. (DAVIS, 2018).

No pensamento negro, debate-se como objeto de estudo, a interação entre os múltiplos sistemas de opressão. Sendo assim,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

o corpo da mulher negra ocupa um espaço específico no cenário carcerário.

São inúmeros os estudos que apontam para a invisibilidade que as mulheres estão sujeitas nos espaços dos aparatos estatais voltados à segurança pública. (ALVES, 2015; ANDRADE, 2011; PADOVANNI, 2010). O cárcere foi construído por homens e para homens. Do mesmo modo, no sistema socioeducativo pouco se discute às adolescentes.

Nos poucos estudos sobre as meninas em privação de liberdade do Brasil, uma das discussões que se destaca é a de que as funcionárias e os funcionários avaliam que trabalhar com as meninas é mais difícil. (GRILLO, 2018; DUARTE, 2016; DINIZ, 2015; CNJ, 2015). Elas são lidas como mais insubordinadas, questionadoras e emotivas o que justificaria, de acordo com os funcionários, na comparação com os meninos, a dificuldade em se trabalhar com elas. Contudo, é importante salientar que os centros masculinos possuem mais rebeliões – inclusive violentas – além do maior número de fugas. (DINIZ, 2015).

A hipótese que se apresenta é que como os funcionários estão acostumados a vivenciar os espaços da Fundação CASA a partir da experiência com os meninos e/ou numa perspectiva androcentrada de mundo, a maneira como as meninas operam nestes

espaços, ao desviarem-se do estereótipo de gênero imposto para as mulheres, faz com que elas sejam compreendidas como sendo indisciplinadas. O que justificaria, inclusive, medidas de internação mais longas, já que uma fala comum entre os funcionários dos centros femininos da Fundação CASA é que as meninas *se arrastam* mais na medida, ou seja, mantém um comportamento mais insubordinado e indisciplinado que faz com que permaneçam mais tempo internadas já que não teriam atendido aos objetivos da medida de internação (GRILLO, 2018).

Nota-se uma dupla punição em relação às adolescentes, já que pela observação feita em campo para o mestrado, as meninas acabam ficando mais tempo internadas ao se comparar com os meninos pelo mesmo ato infracional e, por vezes, no mesmo Boletim de Ocorrência. Historicamente, esta dupla punição encontra base desde que os presídios foram ganhando força como forma dominante de punição no final do século XVIII, quando as mulheres condenadas causavam maior sensação de aberração e assombro, em comparação ao mesmo crime cometido por homens. (DAVIS, 2018).

No contexto atual da medida socioeducativa, uma possível leitura é que as meninas vêm rompendo com o silêncio da violência de gênero pelo cometimento de ato infracional, já que tornam público uma



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

demanda que historicamente vem sendo tratada no âmbito do privado. Neste sentido, elas conseguem romper com a invisibilidade e da negação da violência e impõe, através de seus corpos, o questionamento das práticas adotadas até então na medida socioeducativa voltada para a docilização da mulher que baseia-se numa idealização feminina que é reprodutora e heterossexual. Com isso, a partir desta mudança de paradigma, tensiona-se o contexto da socioeducação feminina, podendo algumas práticas serem recrudescidas e/ou requerendo a desconstrução dos preconceitos socialmente construídos (DUARTE, 2016).

Compreende-se que justamente esta maneira de romper com os limites institucionais dados, resistindo aos procedimentos instaurados, utilizando-se das brechas dos espaços estriados desta malha de punição é que residem as táticas de resistência das adolescentes. Em outras palavras, elas produzem potência de vida em um espaço de morte.

A maneira que as meninas habitam a Fundação CASA sempre me chamou a atenção. Diferente dos centros masculinos é possível notar, já à primeira vista, que os centros femininos são preenchidos por barulho, vivacidade e espontaneidade. Ao passar pelas portas de ferro e adentrar o

espaço de convívio³, o movimento das meninas que vestem uniforme de moletom lilás e calçam chinelos de dedos azuis, já salta aos olhos. Quando chamadas aos cursos de arte e cultura ou de qualificação profissional, sobem as escadas correndo e é fácil perceber se elas estão bem-humoradas ou não. É comum chegarem dando bom dia sorrindo, ou mesmo pulando para dentro da sala de aula falando: “*Ceguei profinha!*” Da mesma forma, também é comum quando passam por nós - educadores - com o semblante fechado e, ao perguntar o que aconteceu, já começam a falar sobre o que as incomoda de maneira emocionada.

O CASA Chiquinha Gonzaga esta situado em um bairro de classe média alta da Zona Leste do município da cidade de São Paulo, sendo o maior centro de atendimento socioeducativo feminino do estado. O CASA tem capacidade para atender 102 adolescentes, sendo que a lotação em dois de julho de 2017 era de 119%⁴.

No bairro da Mooca, em volta a sobrados residenciais que demonstram o poder aquisitivo dos moradores do bairro, erguem-se os grandes muros que alcançam quase a totalidade da quadra, separando as

³ Espaço destinado à convivência das adolescentes; local em que se executam as atividades diárias da rotina da medida de internação.

⁴ Informações colhidas através de e-mail pelo Sistema Integrado de Informação ao Cidadão (SIC) do Governo do Estado de São Paulo, referentes a data de 2 de julho de 2017.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

adolescentes do resto do *mundão*⁵. Do lado de dentro, contrastando com a riqueza das casas da rua, encontra-se o CASA Chiquinha Gonzaga.

A dinâmica de entrada nos centros da Fundação CASA é sempre marcada por barulhos de pesadas portas de ferro abrindo-se e fechando, grades e cadeados. Os sons de metais batendo a todo instante fazem saltar o coração, respondendo ao susto pelo alto ruído ocasionado. Mesmo na presença quase diária nos centros de internação por mais de três anos⁶, não me acostumei com estes sons a ponto de evitar os sustos.

Neste CASA, já passadas as primeiras portas em que é necessário se identificar e deixar o celular, depois de cruzar um pequeno caminho a céu aberto e arborizado (espaço que as meninas raramente podem frequentar), pode-se ter acesso ao prédio e aos setores de atendimento psicossocial e pedagógico. Adentrando este espaço, do lado direito, após mais uma porta de ferro, grades e cadeados, estão as adolescentes com dezesseis anos – ou menos – no Espaço 2. Já do lado esquerdo –

⁵ Termo utilizado pelas adolescentes que compreende todo o espaço exterior aos centros de atendimento socioeducativos.

⁶ Anterior ao trabalho no Projeto Guri, trabalhei na Associação Horizontes que ofertava os cursos de Qualificação Profissional Básica aos e às adolescentes que cumpriam medida na Fundação CASA no período de 2012 a 2014.

separadas pela sala da pedagogia, banheiro e sala do diretor, após outra porta de ferro, mais grades e cadeados, estão as adolescentes com dezessete anos ou mais no Espaço 1. Contornando este prédio, por fora pelo lado direito, após mais portões, passando pela lavanderia, após menos de dois minutos de caminhada, deparamo-nos com mais cadeados. Por detrás das grades avista-se uma casa com ilustrações infantis próximas à porta e às janelas. É este o espaço reservado ao PAMI, onde ficam as adolescentes com seus bebês ou grávidas com mais de 32 semanas de gestação⁷.

Os três espaços, apesar de comporem o mesmo centro de atendimento, sob a gestão do mesmo diretor, encarregada técnica, encarregado de segurança e coordenadora pedagógica, são organizados separadamente. Os horários, as atividades, os funcionários da pedagogia, da segurança e as técnicas do serviço psicossocial são diferentes e divididos, sendo que, tampouco, as meninas de espaços distintos podem conversar. O

⁷ Para saber mais sobre o PAMI – Programa de Acompanhamento Materno Infantil – em que as aulas de musicalização para mães e bebês eram desenvolvidas, ver em:

GARCIA, Carla Cristina; MANO, Natalia Yukari; GRILLO, Nathalí Estevez. Maternidade, adolescência e cárcere: o Programa de Atendimento Materno Infantil – PAMI da Fundação CASA. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**. São Paulo, Dossiê Especial: Gênero e Sistema Punitivo Ano 26, vol. 146, agosto 2018. 129-150.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

único contato permitido refere-se às adolescentes do PAMI, que são levadas até o Espaço 1 para as aulas do ensino formal e dos cursos de qualificação profissional.

O prédio em que ficam os espaços 1 e 2 tem a arquitetura de uma escola estadual. A divisão que separa os espaços foi sendo feita, primeiramente, por portas de metal com cadeados e, posteriormente, por paredes de concreto, que demonstram o imprevisto de adequação que foi sendo feito com a criação da divisão por espaços. Do mesmo modo, a quadra também foi dividida por um alto muro.

A divisão em que ficou o Espaço 2, conta com uma sala de informática, cozinha e salão de beleza, que são utilizados para cursos de qualificação profissional. As meninas do Espaço 1 que estão matriculadas nestes cursos – em turnos diferentes das meninas do Espaço 2 – são acompanhadas por funcionários da área de segurança – os *funças* – até a respectiva sala, não podendo conversar com as adolescentes do Espaço 2 que, eventualmente, encontram no percurso. Cada sala é sempre trancada por portas de ferro e por grandes cadeados. Cada espaço possui uma biblioteca – sendo que a do Espaço 1 foi improvisada após a divisão; um refeitório e dois andares – que é separado por mais grades e cadeados interligados por duas rampas. Os quartos de ambos os espaços se localizam nos andares de cima, sendo que cada lado tem três

quartos com vinte camas, entre beliches e camas de solteiro em cada um.

Cada espaço se organiza por fases, sendo que cada quarto abriga uma fase: quando as adolescentes chegam ao CASA, vão para a fase 1 e, conforme vão progredindo na medida, vão mudando para as fases 2 e 3.

Seguindo esta lógica, as adolescentes que estão na fase 3 são meninas que já estão no final de sua medida e/ou possuem bom comportamento. Do mesmo modo, as adolescentes podem ser regredidas de fases, de acordo com o seu comportamento durante sua caminhada.

Todas as segundas e quartas feiras, no período da manhã dos semestres letivos, estivemos no Espaço 1, com as aulas de percussão e canto e coral e, no período da tarde, no Espaço 2, com as aulas de cavaco e violão.

A rotina era a de entrarmos com os instrumentos passando por várias grades e cadeados até a chegada à sala de aula. Neste percurso nos deparávamos com diversas situações, como a dificuldade em abrir os cadeados para que pudéssemos entrar – já que era comum que as chaves estivessem em poder de um funcionário que se encontrava longe da grade em questão, as dificuldades na logística da preparação da sala de aula – demonstrando falta de organização, já que, basicamente, consistia em levar, às salas,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

cadeiras sem braços para que as meninas se acomodassem⁸ e a demora em organizar e chamar as adolescentes e dividi-las por curso para o início das aulas. Estes fatores, embora constantes, enunciavam-se com maior ou menor intensidade, dependendo de qual plantão dos agentes de apoio socioeducativo⁹ estava vigente, havendo diferenças entre os Espaços 1 e 2 pelo mesmo motivo.

Neste contexto, no Espaço 2 – em que as aulas ocorriam no período da tarde, era comum que, ao abrir o cadeado da sala de aula, a qual às vezes utilizávamos a pedido da pedagogia (sala esta que era ocupada pelo Ensino Formal no período da manhã), uma menina saísse correndo de dentro da sala em direção ao pátio que, provavelmente, indicava que ela havia ficado sem almoço neste dia, situação que as meninas denominam como ficar de *tranca*. Contudo, no Espaço 2, solicitávamos à coordenação pedagógica que as aulas de cavaco e violão fossem realizadas na sala da biblioteca, já que, além de incorporar – sempre que possível – livros ao desenvolvimento das aulas e de todos os instrumentos musicais do Projeto Guri serem

⁸ Por vezes os funcionários solicitavam às adolescentes que levassem as cadeiras para a sala de aula. Porém, a informação não circulava bem entre os agentes de apoio socioeducativo, e a cena que se seguia era a de meninas circulando sem rumo pelos corredores com as cadeiras na mão, já que um funcionário solicitava que ela levasse as cadeiras e outro a brecava alegando que ainda não era a hora de trazer as cadeiras.

⁹ Os plantões são de 12 horas e cada plantão possui um coordenador de segurança que fica responsável por aquele período.

guardados neste espaço, facilitando o deslocamento, era a sala com o melhor retorno sonoro e espaço físico para o desenvolvimento das aulas. Quando nosso pedido era atendido, ficávamos todo o período da tarde na biblioteca que fica de frente aos dormitórios, que estão sempre trancados.

Cotidianamente, ouvíamos gritos e barulho ocasionados pelas adolescentes que estavam de *tranca* nos dormitórios, que batiam nas pesadas portas de ferro pedindo para serem levadas ao banheiro ou – em menor proporção – pedindo para falar com sua técnica ou mesmo com o diretor.

Do mesmo modo, já no Espaço 1, não era incomum ao abrirem-se os cadeados que trancavam as salas de aula, às 8 horas da manhã de uma segunda feira, que uma menina saísse correndo da sala com alguns objetos como casaco, sutiã, pasta de dente e pente de plástico em suas mãos. Da mesma maneira, era recorrente termos que acordar a menina ao entrar nas salas de aula e ajudá-la a recolher os seus pertences para que pudéssemos começar a aula. Estas situações indicavam que as adolescentes estavam de *tranca*, tendo passado a noite (pelo menos a noite, podendo ter ficado mais tempo) trancadas na sala vazia, sem cadeira ou colchonete.

As violações de direitos que ocorrem nestes espaços são inúmeras. Além do que se apresenta, muitos foram os estudos que



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

versam, em grande parte, sobre as opressões que acontecem nestes espaços, sendo que alguns narram possíveis resistências a elas. Fábio Mallart Moreira (2011) discute as dinâmicas dos centros masculinos em que os adolescentes estão no controle do funcionamento e das regras dos centros de atendimento socioeducativos, as chamadas cadeias dominadas, que dá nome à sua pesquisa. Ainda em um momento anterior, nos tempos da FEBEM/SP, Maria Cristina Vicentin (2005) discutia as rebeliões feitas pelos adolescentes em unidades de internação, como resistência à prática institucional violenta.

Contudo, são poucos os estudos voltados para os centros femininos da Fundação CASA, o que acaba por tornar homogeneizadora a condição de habitar o cárcere – neste caso, a medida socioeducativa de internação – e todas as tramas subjacentes por meio da experiência masculina.

Como dito anteriormente, um ponto que chama a atenção é que os centros femininos são lidos como mais difíceis de trabalhar do que os masculinos. Como os funcionários estão acostumados a vivenciar os espaços da Fundação CASA através da convivência com os meninos e, de maneira geral, pela perspectiva androcentrada de compreensão do mundo, a hipótese que se apresenta é a de que as meninas são

compreendidas como mais difíceis, justamente porque o critério utilizado sobre o que é mais fácil lidar no contexto de cárcere é o masculino. Com isso, a maneira que as adolescentes operam neste espaço é compreendida como insubordinação, emoções extremadas, agressividade, dificuldades em lidar, tornando-se tais interpretações sinônimo de desrespeito, quando podem ser compreendidas como táticas de resistências femininas ao contexto opressor que experienciam.

Na dissertação defendida, foram três os eixos discutidos de táticas de resistência operados pelas meninas: afetos que circulam, materialidades e musicalidade. Neste trabalho, apresentaremos as reflexões sobre o primeiro eixo.

Afetos que circulam

Em uma segunda-feira à tarde, durante certa aula de violão, entrei, como de costume, com o educador na área de convívio e fomos pegar os violões e esperar as meninas para iniciar a aula. Passados 15 minutos, em sala já com a turma, duas alunas me pediram que eu fosse sentar perto delas, pois queriam falar comigo. Quando sentei, elas me perguntaram o que tinha acontecido, pois elas tinham percebido que eu estava triste. Ao tentar responder dizendo que estava tudo bem e que elas não precisavam se preocupar, eu



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

chorei. Uma das meninas se dirigiu a outra falando: “Sabia que a profinha não estava bem. Ela tá sempre alegre e hoje chegou quietinha com um olhar triste”. Quando eu consegui falar para elas que não era nada demais, que eu apenas estava triste e que achava que precisava chorar um pouco para dor ir embora e ficar boa de novo, elas se olharam e a outra menina falou para mim: “Pode chorar profinha, a gente vai ficar na sua frente pra ninguém ver e encher o seu saco”. De fato, como eu estava em uma sala quadrada, sentada próxima à quina formada por duas paredes, elas mudaram a disposição das cadeiras ficando de frente para mim, sendo que uma delas ficou de pé com o pé na cadeira, fazendo apoio para o violão, de modo que quase ninguém na sala ou fora dela conseguisse ver meu rosto.

Ela disse: “Vou cantar minha música pra você, sei que a senhora gosta. Enquanto isso pode chorar a vontade que ninguém vai ver e quando der vontade de parar, a senhora para e começa a cantar comigo”. E foi o que aconteceu. No final da aula, ela veio se despedir e eu aproveitei para agradecer a ela e dizer que já estava melhor. Ela, então, me disse: “Sabe, profinha, eu concordo com a senhora. Às vezes o que a gente precisa é só um lugar pra poder chorar em paz. Aqui, nesse inferno, a gente precisa muito disso também. Mas eu não gosto de ver a senhora

triste. Semana que vem eu quero ver a senhora com o seu sorriso de novo. Fica bem, tá”?

A cena narrada explicita – além dos laços de confiança e afetos desenvolvidos ao longo da pesquisa entre mim e as adolescentes – a partir da última fala, a possibilidade da compreensão da expressão dos sentimentos e da afetividade como tática de resistência frente à instituição que as meninas se encontram.

Mediante a isso, penso que o eixo da expressão dos afetos é singular nos centros de atendimento socioeducativos femininos sendo que a dimensão afetiva, presente na maneira das adolescentes habitarem a Fundação CASA, constitui-se como tática de resistência.

“Do mesmo jeito que tem menina assim, maravilhosa, que parece que você já conhece de antes, que lá dentro vira sua irmã, sua parente, tem outras, que é só por Deus... Ou às vezes, tem uma rixa, alguma coisa... Então é difícil de conviver”.

Essa dificuldade colocada por uma interlocutora desestabiliza a noção de ordem e controle que estrutura o cotidiano dos centros de atendimento aos e às adolescentes. A fala dos funcionários de diversas áreas que colocam as adolescentes como sendo mais difíceis de se trabalhar com elas anuncia a dificuldade do corpo gestor e, de maneira ampla, dos funcionários das diversas áreas,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

em lidar com o manejo dos afetos que as meninas desenvolvem já que está vinculado a maneira distinta e explícita que as adolescentes se relacionam com a afetividade.

Aline Veloso (2015) discute a experiência afetiva dos meninos inseridos no tráfico de drogas na Bahia e pontua a tática utilizada, por eles, da clandestinidade dos afetos, para lidar com a dureza do mundo do crime. Um de seus interlocutores, Galego Coringa, é categórico ao afirmar que quando se está preso “*Se entra com amor e sai com ódio*” (VELOSO, 2015, p. 144). Veloso conclui: “No tráfico de drogas é possível tornar clandestino os afetos para preservá-los, na cadeia apresenta-se como a única possibilidade de perder a capacidade de sentir amor, uma máquina de desumanização do homem” (VELOSO, 2015, p.144).

Enquanto a tática de resistência dos meninos é tornar os afetos clandestinos – sendo a máxima a proibição do choro como expresso pelos interlocutores da pesquisa mencionada, as meninas resistem pela demonstração da afetividade, em um espaço que implica na desumanização do ser humano como o cárcere. Para esta análise, busco apartar-me da dicotomia entre razão e emoção. A perspectiva utilizada é a de Vigotski (2001) que compreende a emoção como sendo o que move as ações e o pensamento. Portanto, a discussão não é sobre

assegurar às adolescentes o lugar de mais emotivas e menos racionais que o dos meninos, pelo contrário, é compreender a demonstração dos afetos como uma tática de resistência, que desestabiliza o esperado de um espaço prioritariamente masculino como o da prisão – ou de maneira análoga – da Fundação CASA.

Um exemplo disso é a *sapataria*. Como dito por uma interlocutora: “[...] e na Fundação CASA, você sabe, né? O que mais tem é sapatão”. O relacionamento afetivo-amoroso entre duas adolescentes faz parte do cotidiano do centro de internação. Nos centros masculinos, a homoafetividade aparece em outros contextos, de maneira clandestina como os outros afetos, e, portanto, consideravelmente menos tangível.

Meninas que já tiveram experiências homoafetivas e sexuais anteriores à medida socioeducativa ou adolescentes que experienciam a *sapataria* pela primeira vez, no contexto da Fundação CASA, mantendo ou não o relacionamento afetivo-sexual com meninas após o período da internação, compõe grande parte do público atendido no CASA Chiquinha Gonzaga. É importante ressaltar que a gestão destes afetos entre as meninas pelo corpo de funcionários são arbitrários e cruéis e merecem a discussão em novos estudos. Porém, para mais, as relações amorosas entre elas enunciam a busca da



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

potência de ação de lutar contra a desumanização posta.

Da mesma maneira, os grupos de amizade – tão presentes na fala das meninas, eram constituídos por afinidade. Ambas as interlocutoras narraram o companheirismo entre seus grupos, assegurando a ele terem conseguido passar pela medida de internação, amenizando os seus sofrimentos. Entre o grupo, as meninas sentiam-se acolhidas e estavam sempre dispostas a ajudar umas às outras. *“Qualquer coisa que a gente precisasse, qualquer coisa mesmo, de papel higiênico a precisar conversar, podia contar”*, de acordo com uma interlocutora.

Apesar das dificuldades explicitadas na convivência entre as adolescentes que não eram amigas, a solidariedade entre elas – para além de seus grupos – emergia aos domingos. As adolescentes que não recebiam visitas se apoiavam mutuamente, buscando ultrapassar ou amenizar a solidão deste momento. Palavras de conforto vindas das meninas para as meninas eram relatadas a nós, às segundas feiras. Contudo, ainda assim, pouco se falava sobre essa temática da visitação no dia a dia do centro de atendimento, sendo um ponto bastante delicado para as adolescentes, o que pode indicar, ainda mais, a necessidade de construir relações fortes naquele espaço.

Sendo assim, por vezes, os grupos de afinidade organizavam-se como famílias.

Meninas que namoravam eram o pai e a mãe e, as outras amigas, as filhas. Os casais reproduziam a lógica heteronormativa, sendo que a menina *machinho*¹⁰ era o pai e a menina compreendida como a mais feminina era a mãe. Contudo, a hierarquização posta pelos papéis de gênero em uma sociedade patriarcal não eram repercutidos nesta relação com as filhas. As famílias, neste contexto, operavam com o intuito da demarcação dos laços afetivos. Todavia, algumas meninas *machinho* reproduziam violências de gênero às suas namoradas. Cenas de ciúme com agressividade, cobrando exclusividade e obediência, podiam ser observadas no dia a dia da medida e, como posto, eram gerenciados de modo despótico pelo corpo de funcionários.

Uma das minhas interlocutoras define as relações estabelecidas no CASA Chiquinha Gonzaga: *“Eu corro de tudo o que me lembre aquele lugar (risos). Só as amigas verdadeiras mesmo que levo comigo, assim, no coração mesmo”*.

Por fim, como fôlego e estratégia de luta, devemos aprender com as táticas de resistência operadas pelas meninas. Manter a potência de ação viva, perseverar na existência, buscando bons encontros que possam ajudar na organização política de

¹⁰ Termo utilizado por elas.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Cárcere

enfrentamento à barbárie que está posta é o legado das táticas de resistências desenvolvidas pelas meninas.

São o eco do corpo encarcerado quando faz sua súplica. Sua respiração é sufocada, mas ainda assim continuam a respirar. Os poemas transmitem um outro sentido de solidariedade, de vidas interconectadas que transportam as

palavras umas das outras, sofrem com as lágrimas umas das outras e formam redes que representam um risco incendiário. [...] Oriundos de cenários de subjugação extrema, são o testemunho de vidas obstinadas, vulneráveis, esmagadas, donas e não donas de si próprias, despojadas, enfurecidas e perspicazes [...] que, de algum modo e inacreditavelmente, vivem através da violência à qual se opõe [...] (BUTLER, 2016, p. 96-97).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Enedina do Amparo. **Rés negras, judiciário branco**: uma análise da interseccionalidade de gênero, raça e classe na produção da punição em uma prisão paulistana. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.
- ANDRADE, Bruna S. A. B. **Entre as leis da ciência do Estado e de Deus**: O surgimento dos presídios femininos no Brasil. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BARATTA, Alessandro. **Criminologia e feminismo**. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Geral. Mapa do encarceramento: os jovens do Brasil. Brasília: Presidência da República, 2015. 112 p. (Juventude Viva).
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CNJ. **Dos espaços aos direitos**: a realidade na ressocialização na aplicação da medida socioeducativa de internação das adolescentes do sexo feminino em conflito com a lei nas cinco regiões do país. Brasília: Conselho Nacional de Justiça, 2015.
- DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** Rio de Janeiro: Difel, 2018.
- DINIZ, Débora. Cadeia de papel. **Revista Liberdades**, São Paulo, n. 20, maio/ago. 2015.
- DUARTE, Joana das Flores. **Para além dos muros**: As experiências sociais das adolescentes privadas de liberdade. Dissertação (Mestrado em serviço Social)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016.
- GRILLO, Nathali Estevez. **Força pra subir, coragem na descida**: um estudo sobre as resistências das meninas na Fundação CASA. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.
- HARAWAY, Donna. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, 2005, p. 7-41.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulheres e Políticas da Ciência

HARDING, Sandra. Gênero, democracia e filosofia da ciência. **Revista Eletrônica de Comunicação Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p.163-168, jan-jun., 2007.

LANE, Sílvia T. M.; CODO, Wanderley (Org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

MOREIRA, Fabio Mallart. **Cadeias dominadas: dinâmicas de uma instituição em trajetórias de jovens internos**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2011.

PADOVANI, Natália Corazza. **“Perpétuas espirais”**: Falas do poder e do prazer sexual em trinta anos (1977-2009) na história da Penitenciária Feminina da Capital. Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Universidade Estadual de Campinas, 2010.

VELOSO, Aline Matheus. **Apesar que o vida loka também ama**: experiência afetiva dos adolescentes inseridos no tráfico de drogas. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) -Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

VICENTIN, Maria Cristina G. **A vida em rebelião: jovens em conflito com a lei**. São Paulo: Hucitec, 2005.

VIGOTSKI, Lev Seminovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.